

“Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

- Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.”

Machado de Assis, *Conto de Escola*.

Escolhi tomar como epígrafe desta resenha a mesma que a autora usou. Explico: ela me parece uma alusão justa, precisa e poética ao espírito da obra.

Sejamos francos: algo vai mal na Escola. Vai mal a educação, vão mal os alunos e vão mal os professores.

Antes da educação escolarizada, educar-se era viver a vida do dia a dia da comunidade. A educação se dava, portanto, em contato direto com a vida através da participação da criança às diferentes atividades do grupo: plantar, colher; abeberar-se da estória do grupo através da escuta da tradição oral; participar dos cultos coletivos. A aprendizagem se dava pela própria experiência e pela observação da aprendizagem do outro, o que tornava inseparáveis o saber e a vida. O contato direto com a vida promovia também contato com a paixão inerente à realização do ofício aprendido. Com o advento da escola porém as coisas mudaram. O ideal asséptico da criança pura e frágil separa escola e vida, tornando o aluno um ser nostálgico, cujo olhar, perdido, vagueia distante. Através da janela da escola o aluno vê a vida passar lá fora.

“Uma cousa soberba”: a dimensão sedutora da educação

Resenha de Marcia Neder Bacha, *Psicanálise & Educação. Laços refeitos, Campo Grande, Ed. UFMS, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998, 220 p.*

O livro de Márcia Neder Bacha, *Psicanálise & Educação - Laços refeitos* – resgata, de maneira exemplar, uma dimensão esquecida da escola. O prazer. Movida, talvez, pela paixão de educar, a autora inquieta-se com o mal estar da escola atual e interroga-se sobre seu ofício. O que é educar? Como educar o professor?

Ao responder suas questões constrói seu livro, composto de duas partes além da Apresentação e da Introdução. A parte I, intitulada: “Piaget e Freud. A educação, seus meios, seus fins”, contém os seguintes capítulos: 1- “A mãe adaptativa”, 2- “A mãe narcisista”, e 3- “A mãe sedutora”. E a parte II, intitulada: “Educação. Banquete, fast food e merenda escolar”, com os seguintes capítulos: 4- “O professor libertino, a criança pura e o filho imaginário”, e 5- “Psicanálise e educação: reatando laços”.

Trata-se de um passeio sobre diferentes pontos de vista a respeito do que é educar e das relações entre psicologia-educação e entre psicanálise-educação, pertinentes a esses pontos de vista. O texto é rico e abre-se em várias ramificações que giram em torno de uma idéia central, ou seja: de como diferentes teorizações psicológicas e psicanalíticas dão conta da apreensão da cultura, pela criança. E acaba por demonstrar que o modo como essas teorizações

concebem a educação está diretamente ligado ao modo como entendem a assimetria originária entre criança e adulto. Assim examina as relações de educação a partir da “Mãe adaptativa”, da “Mãe narcisista” e da “Mãe sedutora”. Ressalta estar presente nas duas primeiras o aspecto de mal necessário próprio à relação da criança com o adulto. Já a sedutora “faz, desta influência do outro (sexual), a fonte do psiquismo: a cultura (o social-sexual) é introduzida na criança fazendo-se ‘sua’ matéria psíquica” (p.159). Aponta ainda que tal mudança da assimetria originária, junto à consideração do imaginário como criador, leva a outro entendimento da educação. “De mal necessário ela agora revela sua face criadora e dimensão de arte... Em termos práticos isto permite reconhecer os fortes laços que atam o aprender, o brincar e o criar”, salienta a autora (idem).

É, pois, a partir da análise da teoria da sedução generalizada que a autora reata os laços entre psicanálise e educação.

A autora retoma que no *Banquete* a educação é *eros*. Lá a educação se apresenta tanto em seu aspecto de domínio como de iniciação. Aliás afirma que esse duplo aspecto está presente na relação do discípulo e Mestre, personificada na fala de Alcebiades em o *Banquete*.

Aproximando a relação do

discípulo e Mestre no *Banquete* de Platão à teoria da sedução proposta por Laplanche e retrabalhada por Mezan, em “A sombra de Don Juan: A sedução como mentira e como iniciação”, a autora chama a atenção para a análise que Mezan faz dos diferentes “aspectos da sedução, que alinha inicialmente numa face ética e numa face estética. O aspecto ético ‘remete ao domínio de um indivíduo sobre o outro’, mas o aspecto estético ‘implica o despertar ou o refinar de uma sensibilidade’” (p. 201). E continua, mais adiante, citando Mezan: a sedução em sua face estética é “prazer extremo, deleite, algo que não vai retirar nada do seduzido, mas ao contrário lhe acrescentar alguma coisa. O sedutor é neste momento aquele ou aquilo que toca fibras sensíveis, que desperta no outro sensações de raro matiz, emoções até então ignoradas; o sedutor acaricia com suavidade, faz com que o seduzido descubra dimensões da própria experiência que sequer suspeita ser capaz de vivenciar” (p. 202).

Livro instigante e original, ao propor a sedução como modelo da relação educativa, coloca em relevo sua dimensão estruturante, de fazer marcas e introduzir o desejo. Nas entrelinhas coloca em questão o próprio desejo de ser professor e introduz a dimensão ética da educação. Interessante leitura para aqueles que fazem seu ofício com paixão.

Leda Maria Codeço Barone é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.